

EDITORIAL

Transformar a educação não é um slogan. É um gesto político, ético e pedagógico que exige deslocamento, confronto e criação.

Nesta quarta edição da Revista de Educação da Faculdade SESI-SP, assumimos o tema “Educação que transforma” não como promessa confortável, mas como provocação: o que, de fato, estamos transformando quando ensinamos? E, sobretudo, o que ainda insistimos em manter intocado?

Os textos que compõem este dossiê recusam respostas fáceis. Em seu conjunto, eles revelam que a transformação não emerge de receitas ou modelos, tampouco de modismos pedagógicos, mas de práticas situadas, intencionais e, muitas vezes, inquietas. Artigos e relatos de experiência anunciam o convite a reconhecer que toda mudança real implica risco, tensão e escolha; e, por isso, também provoca deslocamentos.

Quando a robótica atravessa a biblioteca e a converte em espaço maker, não se trata apenas de uso de tecnologia, mas de reconfigurar o que entendemos por aprender e produzir conhecimento. Quando a gamificação se coloca a serviço da alfabetização, o jogo deixa de ser adorno e passa a ser linguagem. Quando uma aula se organiza em rotação por estações, o tempo e o espaço escolares deixam de ser rígidos e se tornam territórios de experimentação

Mas transformar também é perguntar: quem decide, quem participa, quem é ouvido? As discussões sobre gestão escolar e envolvimento das famílias, assim como a provocação de uma possível “escola sem diretor(a)”, tensionam estruturas historicamente naturalizadas e nos obrigam a reconsiderar o lugar da autoridade, da escuta e da corresponsabilidade.

A formação docente, eixo pulsante deste número, aparece como processo contínuo e inacabado. Residência Educacional, PIBID e práticas interdisciplinares apontam para a urgência de romper com modelos fragmentados e para a necessidade apostar

em experiências que articulem teoria, prática e contexto. Ao lado disso, a intencionalidade docente e o compromisso ético anunciam fundamentos que não podem ser terceirizados nem automatizados.

E aqui, inevitavelmente, surge um dos grandes embates do presente: qual é o lugar da cultura digital e da inteligência artificial na escola? Ferramentas de transformação ou novos vetores de desigualdade e colonialidade? Este dossiê não encerra a questão (e não poderia), mas insiste em algo essencial: incorporar tecnologia sem criticidade é apenas sofisticar velhas exclusões.

A transformação educativa também passa pelo sensível, pelo corpo, pela linguagem e pela cultura. A fotografia que documenta e narra, o circo que educa pelo lúdico, a ginástica rítmica que forma para além da técnica, a educação sexual que enfrenta silêncios históricos; tudo isso amplia o que entendemos como currículo. Ler, ver, mover-se, sentir: aprender é atravessar múltiplas dimensões da experiência humana.

Ao mesmo tempo, este número nos lembra que transformar é também reconectar saberes. Da botânica econômica à geometria esférica, das visitas a museus às práticas inclusivas, surge uma educação que rompe fronteiras entre áreas, espaços e sujeitos. Uma educação que em vez de isolar, articula; em vez de simplificar, complexifica.

Talvez a maior contribuição deste dossiê seja justamente esta: mostrar que não há uma única via de transformação. Há caminhos plurais, inacabados, por vezes contraditórios que se manifestam no cotidiano das escolas, nas escolhas docentes, nas experiências das(os) estudantes.

Transformar a educação, afinal, não é torná-la “melhor” em termos abstratos. É torná-la mais justa, mais significativa e mais consciente de si mesma.

Nosso anseio é que esta leitura não ofereça conforto, mas movimento; que não encerre debates, mas os inaugure; e que nos lembre, a cada página, que educar é, inevitavelmente, transformar [inclusive a nós mesmos].
Boa leitura!

Profa. dra. Danieli Tavares

Editora-chefe